



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**NATÁLIA SCHERER EIDT**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-403

**Entrevistada:** Natália Scherer Eidt

**Nascimento:** 28/10/1985

**Local da entrevista:** Residência da entrevistada em Santa Cruz do Sul.

**Entrevistadora:** Suélen de Souza Andres e Daniela Romcy

**Data da entrevista:** 13/04/2014

**Transcrição:** Natália Bender

**Copidesque:** Natália Bender

**Pesquisa:** Suélen de Souza Andres

**Total de gravação:** 40 minutos

**Páginas Digitadas:** 17 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do CEME

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção no esporte e na ginástica; Como surgiu o interesse pela modalidade; Situação das ginastas do Mauá quando iniciou; Relação com o Colégio Mauá e com a Universidade Unopar; Momentos importantes da carreira esportiva; Força da ginástica do Rio Grande do Sul e Paraná; Dificuldades; Momento que começou a competir; Rotina de treinos; Lesões; Seletiva para os Jogos Olímpicos; Preparação para os Jogos Olímpicos; Experiências positivas com a ginástica; Experiência da participação nos Jogos Olímpicos; Reação do público com a nota do júri; Momentos antes e depois da competição; Parada nos treinos; Repercussão da participação olímpica na carreira; Continuidade da relação com o técnico Rafael; Lesão na coluna; Como conciliou os treinos com o estudo; Formação acadêmica; Interesse pela área da reabilitação; Competitividade entre as atletas gaúchas e paranaenses; Relação com as colegas da Seleção; Falta de recursos financeiros; Busca de patrocínios; Considerações finais.

Porto Alegre, 13 de abril de 2014. Entrevista com Natália Scherer Eidt cargo das pesquisadoras Suélen de Souza Andres e Daniela Romcy, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.A. – Natália, primeiramente gostaria de agradecer a sua disponibilidade por conceder essa entrevista para o Centro de Memória do Esporte e para iniciarmos gostaria que tu contasses um pouquinho como foi a tua inserção no esporte e como tu iniciaste na modalidade.

N.E. – Eu comecei a praticar ginástica com cinco anos de idade, no colégio, em uma demonstração feita na escola, porque na minha escola a modalidade era demonstrada e eu me interessei e comecei a praticar, foi assim que começou. Iniciei com poucos treinos, era uma coisa mais lúdica, e aos poucos foi ficando mais sério.

S.A. – Foi aqui mesmo em Santa Cruz do Sul?

N.E. – Foi em Santa Cruz, no Colégio Mauá.

S.A. – Teve alguma influência na tua carreira de parentes, amigos, professores?

N.E. – Não, ninguém na minha família praticava, a não ser a minha tia Juliana, mas como eu era muito nova, eu não sabia que ela praticava. Interessei-me pela modalidade porque achei bonito, e porque achava o técnico bacana, ele era engraçado, demonstrou de uma forma que divertiu a turma, então, me interessei pela modalidade e pelo técnico.

S.A. – Tu lembra como é que era a situação da ginástica no Rio Grande do Sul quando tu iniciaste?

N.E. – Eu lembro como era a situação das meninas do colégio Mauá que praticavam a modalidade, eu ainda não tinha essa noção porque era muito nova, mas eu sabia que as meninas que praticavam, competiram já campeonatos pela terceira divisão do estado, então, esse era o máximo que a equipe do Mauá tinha, eram equipes que competiam pela terceira divisão.

S.A. – E dentro da tua carreira, teve em algum momento relação com algum clube ou instituição além da escola, mas algum clube que tu tenha defendido?

N.E. – Não. A minha vida inteira eu competi pelo colégio Mauá, e depois que eu fui para a seleção, depois que eu passei a participar da seleção olímpica permanente, um ano depois nas Olimpíadas eu tive que mudar porque tive que representar a universidade na qual eu estava treinando, que era a Unopar<sup>1</sup>, mas nunca competi por nenhum clube a não ser o colégio Mauá, e depois a Unopar.

S.A. – E quais os momentos da sua vida esportiva que tu destacarias?

N.E. – Eu acho que o Campeonato Brasileiro em 1999 foi uma vitória muito grande porque eu ainda competi individual. No mesmo ano teve o Campeonato Sul-Americano que eu também competi individualmente, e a Olimpíada<sup>2</sup>, que foi o máximo, apesar de eu ser muito nova e não ter muita noção, eu lembro que foi um momento, mais especial que eu tive na ginástica.

S.A. – E o fato de não estar dentro do eixo Rio-São Paulo- Paraná, teve alguma dificuldade que tu, tu encontrou por estar fora desse eixo?

N.E. – A ginástica do estado do Rio Grande do Sul sempre foi muito forte, então, não pertencer ao eixo Rio-São Paulo não afetava em nada, bem pelo contrário, poucas ginastas de São Paulo e desconheço ginastas do Rio de Janeiro que tinham uma carreira bacana na ginástica, geralmente as meninas eram da região sul mesmo, Paraná e Rio Grande do Sul. Algumas ginastas, poucas, pouquíssimas de São Paulo, mas ao meu ver, naquela época, o polo da ginástica era e sempre foi o Sul; se destacavam mais os ginastas do sul, era uma rixa Rio Grande do Sul e Paraná. Assim, dentro do Rio Grande do Sul eu sentia, era nítida a dificuldade que a gente tinha por ser do interior, e de um colégio. Então, quando a gente começou a participar de campeonatos, principalmente na primeira divisão, nós tivemos bastante dificuldade de ser reconhecidas, por ser de colégio do interior e competir com o

---

<sup>1</sup> Faculdade UNOPAR.

<sup>2</sup> Jogos Olímpicos de Sydney em 2000.

clube como Grêmio Náutico União, a Sogipa<sup>3</sup>, que eram clubes grandes de Porto Alegre. Ai sim a gente viu que tinha uma dificuldade de se inserir e competir de igual para igual.

S.A. – E sobre esse início, a tua caminhada até os Jogos Olímpicos, tem mais alguma coisa que tu gostaria de destacar, que eu não perguntei?

N.E. – Não, o que eu acho que é mais bacana de destacar é em relação ao meu técnico, porque todas as meninas que passaram pela seletiva da seleção brasileira, para ir para a Olimpíada tinham uma infraestrutura muito boa, que era da universidade Unopar. Tinha uma preparadora física, uma professora de Ballet, tinham uma técnica muito experiente, a mãe dessa técnica da seleção era membro da FIG<sup>4</sup>, então, era uma coisa muito grande. Eu acho que o Rafael<sup>5</sup> foi um destaque porque ele sempre trabalhou praticamente sozinho; ele conseguiu desenvolver um trabalho com ginastas, com a menor infraestrutura que ele poderia ter, ele fez tudo sozinho. Eu acho que isso é o mais bacana, foi o que mais me chamou a atenção nessa caminhada porque chegando lá eu via o nível das meninas e tudo que elas tinham de acompanhamento, de fisioterapia... A gente nunca teve nada disso, e mesmo assim a gente conseguiu chegar no mesmo nível. Eu acho que isso é devido ao trabalho do Rafael. Então eu acho que o destaque vai para ele.

D.R. – Tu destacaste no início da entrevista que quando tu começaste na ginástica no Mauá eles competiam na terceira divisão ?

N.E. – Isso.

D.R. – E quando tu foste para a seleção brasileira vocês já estavam na primeira divisão?

N.E. – Sim.

D.R. – Tu lembra um pouco dessa trajetória?

---

<sup>3</sup> Sociedade Ginástica Porto Alegre.

<sup>4</sup> Federação Internacional de Ginástica.

<sup>5</sup> Rafael Andrade Luz.

N.E. – Olha, eu acho que comecei a competir na primeira divisão com oito anos, por aí. Até então eu competia na terceira divisão, também na segunda divisão e amistosos e aí eu comecei a competir na primeira divisão, foi quando ele resolveu: “Ah, vamos competir o Campeonato Brasileiro!”. Eu tinha nove anos, vamos lá, vamos ver como é que é, e nesse Campeonato Brasileiro eu fiquei em terceiro lugar e foi um baque, assim: se no Campeonato Brasileiro eu fiquei em terceiro lugar, então, eu acho que a gente pode investir. A partir daí eram cinco horas de treino diário. Começou mesmo o alto rendimento, começaram as lesões, então, com nove anos a gente já estava em alto rendimento em nível nacional.

D.R. – E como é que era o dia-a-dia de vocês? Eram cinco vezes por semana? O treino que vocês...

N.E. – É, a gente treinava de segunda a sexta, pela tarde e sábado geralmente de manhã, todos os dias. Tinham dias que a gente treinava cinco horas, tinham dias que a gente treinava quatro horas, mas geralmente era essa carga horária a tarde.

D.R. – E mesmo que não tivesse fisioterapeutas ou uma equipe, tinha esse cuidado do Rafael? Com a nutrição, com...

N.E. – O Rafael era tudo! Era o nosso preparador físico, fisioterapeuta, nutricionista, médico... Ele se preocupava muito com toda essa parte e ele tentava fazer o que ele podia com o conhecimento dele. E acho que deu certo, tanto que a gente conseguiu...

S.A. – Foram longe.

N.E. – É.

S.A. – Mais alguma coisa? Como é que foi a tua carreira até tu chegar a ter visibilidade enquanto ginasta, até tu chegar a ser convocada para os Jogos Olímpicos?

N.E. – Eu estava em uma fase bem complicada, com nove anos começaram as lesões. Eu tive várias lesões, cada ano tive uma e estava entrando em *overtraining*, eu não queria

mais fazer ginástica. Eu estava competindo individual, estava muito bem, mas eu já estava muito cansada a ponto de não querer mais fazer. E a mãe dizia: “Não Natália, tu assumiu um compromisso até o final do ano, tu vai terminar.” Daí eu disse: “Não, então tá bom”. E o ano de 1999 foi muito bom, apesar de eu estar muito cansada já. Eu tive resultados mais importantes, inclusive a convocação. Eu estava na Venezuela competindo o Campeonato Sul-Americano, liguei para a minha mãe para falar que estava tudo bem, que tinha ido bem, e ela disse assim: “Natália, deixa eu te falar uma coisa, as meninas, a técnica da seleção fez uma relação de meninas que vão fazer uma seletiva para ver quem vai para a Olimpíada.” Daí eu pensei: “Meu Deus do céu, agora pronto. Não tem como, eu vou continuar e eu vou tentar porque é o sonho de qualquer atleta”. E foi assim a caminhada até a convocação, foi bem difícil porque eu sempre tive lesão e isso me desgastou muito, também foi difícil por ser do interior, daí competir e, as vezes achar injusto, porque tem toda essa questão de ser do interior e de um colégio. Mas no final deu tudo certo porque eu fui a única atleta convocada do Rio Grande do Sul, apesar de no Rio Grande do Sul ter demorado muito para eu conseguir ganhar das outras meninas, na verdade fui a única convocada do Rio Grande do Sul para participar da seletiva.

S.A. – Como é que funcionou a seletiva?

N.E. – Se eu não me engano acho que foram dezessete meninas para fazer a seletiva. E entre essas dezessete meninas seis que já faziam parte do conjunto. Então eles chamaram onze de fora. Onze meninas de fora e tinha mais umas seis meninas da minha idade que competiam o campeonato nacional comigo. A técnica selecionou e ficamos um mês em Londrina treinando, aprendemos a coreografia e a técnica escolheu. Ela via, botava a gente para fazer a coreografia e aí ela avaliava. Ela ficou um mês fazendo isso e no final desse mês ela...

S.A. – E o treinamento, era muito diferente do...

N.E. – Era muito diferente. Começando por uma treinadora russa, que tinha lá e era uma ex-atleta olímpica da ginástica que na Olimpíada de Atlanta em 1996 tinha conquistado o pódio pela Rússia. E ela estava lá para acrescentar, nos ajudava na preparação física e passava um balé para nós. Foi muito diferente das aulas do Rafael porque eu passei a ter



aulas de uma atleta de pódio olímpico, então, eu tive muita dificuldade porque era outro ritmo de treinamento. Os treinos eram manhã e tarde; oito horas a carga diária de treino, então, esse mês foi bem puxado para mim.

S.A. – O que tu tira como positivo dessa experiência?

N.E. – Da experiência da seletiva ou da experiência da ginástica?

S.A. – Da seletiva.

D.R. – E dos Jogos Olímpicos também.

N.E. – De tudo assim... Sempre me comparei com as pessoas que tinham a mesma idade que eu. Eu acho que a ginástica me fez amadurecer muito mais cedo, até porque eu fui embora de casa com treze anos. Então isso me fez ver as coisas de outra forma e a Olimpíada, meu Deus do céu, é incrível tu participar de um evento desses. Eu lembro na hora da abertura que a gente foi, eu olhava em volta vários atletas de tudo quanto é país, todos entrando no ginásio, naquele estádio, estavam lá os mais fortes, os mais altos e os mais velozes e a gente falava: “Nossa, é a nata, eu estou aqui, meu Deus do céu, não acredito”. Isso vai ser uma coisa que eu vou levar para a vida inteira. Aqui em Santa Cruz todo mundo acompanhou, saía sempre no jornal, e lá em São Paulo, o pessoal não sabe, não conhece. E é assim toda vez que eu conheço alguém. Agora, até lá na USP<sup>6</sup> é engraçado... Quando eu entrei na USP todo mundo perguntava: “Você praticava algum esporte?” “Ah, eu praticava ginástica.” “Ah, e você chegou a competir?” “Ah, competi.” “Mas que nível?”. “Ah, competi campeonato nacional outros internacionais.” “Ah, tu foi pra Olimpíada?” “Fui”. “Meu Deus do céu, que massa.” É uma coisa que eu vejo, que legal, eu acho que consegui uma coisa bacana e marca, todo mundo marca: “A menina da Olimpíada” porque é uma coisa realmente muito grande para o atleta, é o máximo que ele pode chegar.

S.A. – Pelas minhas contas tu tinha tinha uns quatorze...

N.E. – Eu tinha quatorze anos.

S.A. – Quando tu foi para as Olimpíadas?

N.E. – É, hoje nem pode mais.

S.A. – Não?

N.E. – Não, o mínimo é dezesseis.

S.A. – Como é que foi essa experiência?

N.E. – Ah, foi incrível! Eu sempre fui muito focada e lembro que por um ponto me decepcionou um pouco, porque eu cheguei lá e eu achei que todo mundo iria estar mais ou menos [trecho inaudível] e eu vi que não era assim. Tinha muita gente que ia lá para aproveitar, para fazer festa, mas para mim, eu lembro que era treinamento, dieta, foco... Era ver outros ginastas, observar e crescer. Para mim foi isso! Foi uma escola, apesar de ter outras coisas influenciando para que você saísse do foco... Foi uma escola, eu nunca tinha participado de nenhum campeonato parecido a não ser os Jogos da Juventude, mas eu acho que eu tinha treze anos. Então para mim foi uma coisa muito grande, do nada tu ficar em um lugar onde só tem atletas e você almoça com eles, você janta com eles, vinte e quatro horas por dia esporte e alto rendimento... E, por um lado me decepcionou um pouco porque eu vi que muita gente perdia esse foco chegando lá, mas eu mantive.

S.A. – Tu era a única com quatorze anos ou tinha mais meninas com essa idade? Pelo fato de ter quatorze anos teve alguma...

N.E. – Tinha outra menina, a Thalita<sup>7</sup> que tinha quinze e as outras já eram mais velhas.

S.A. – Ficam todas juntas?

---

<sup>6</sup> Universidade de São Paulo.

<sup>7</sup> Thalita Nakadomari.

N.E. – Todas juntas. Na Vila Olímpica geralmente são vários apartamentos, mas aquele ano eram casas, então, era como se fosse uma cidade de atletas. Eram casas e eu lembro que na nossa casa ficamos nós da ginástica rítmica, a Vanessa<sup>8</sup> do tênis, a Maurren<sup>9</sup> do salto e eu acho que duas meninas do futebol feminino. Nós morávamos naquela casa e era bem perto. E eu lembro o refeitório era extremamente organizado, tinha ponto de ônibus para você circular, que circulava dentro da Vila Olímpica, porque lá tinha spa, boate e tal. E fora, logo que você saia da Vila, já tinha como se fosse uma rodoviária, que eram os ônibus que te levavam para o centro de treinamento ou para o ginásio de competição. Era bem organizado, bem legal.

S.A. – E durante a competição o que mais te marcou?

N.E. – O que mais me marcou foi o público que gostou muito das nossas coreografias. Nossa, foi assim: quando a gente assistiu os vídeos, a gente via que foi a equipe que mais foi aplaudida e o que me marcou mais foi isso, foi quando saiu a nossa nota e o público inteiro vaiou. A única equipe que eles vaiaram a nota porque realmente gostaram muito e a nota não foi justa, então, isso marcou muito. A gente chegar, acabar a série, lindo, todo mundo aplaudindo, adorando e aí deu a nota e todo mundo: “Uuuuu”. E nós assim: “Meu Deus, não acredito”. A gente fez tudo, não tinha o que mudar, o público viu que estava maravilhoso e eles colocaram a nossa nota lá em baixo.

S.A. – A gente entrevistou faz mais ou menos um mês, a Daiane dos Santos e eu perguntei para ela como é que era o pré-momento de entrar. Quando vocês vão apresentar a série, como é que é esse pré-momento?

N.E. – Olha, eu sou uma pessoa que ama competir, eu não consigo ter outra sensação igual a essa na minha vida... Não consegui ter ainda, a não ser quando eu pulei de paraquedas, que é uma adrenalina, mas é exatamente isso, uma adrenalina imensa, porque assim como a Daiane, na ginástica rítmica tem algumas [trecho inaudível]. A gente tem aquele um minuto e meio, no caso do conjunto, dois minutos e meio, para mostrar o que você treinou a vida inteira e se você errar põe tudo a perder. Então é uma pressão muito grande antes de

---

<sup>8</sup> Vanessa Atra de Menga.

<sup>9</sup> Maurren Maggi.

você entrar... Você não tem direito, não é que nem o jogo de futebol que tem noventa minutos, tu deu o passe errado, você tem mais oitenta e nove minutos para consertar, fizeram outro gol mas você pode fazer, tem tempo para... Na ginástica não existe isso. Ou você acerta ou você acerta. E antes de entrar na quadra é uma adrenalina indescritível porque você não sabe o que você vai fazer; você treinou a vida inteira mas na hora é diferente, por mais que você tente, por mais que treinasse dez horas por dia em algumas épocas, não adianta, na hora é outro sentimento. A gente teve algumas competições antes da Olimpíada e a nossa técnica foi avaliando como que a gente competia e aí ela começou a ter e adotar algumas estratégias. Por exemplo, ela via como a gente ficava com uma adrenalina muito alta, se a gente entrasse na quadra descansadas, a gente ia correr muito na série e acabar antes da música e isso desconta ponto. Você não pode acabar antes da música. Então ela começou no treino a passar quinze vezes a coreografia de arco e fita; a quarta coreografia é a melhor coreografia que elas fazem durante o tempo, ela vai notando as falhas, então, a quarta é a melhor coreografia sempre. Então é a quarta coreografia que elas vão entrar na hora de competir. Só que na quarta coreografia elas ainda não estão cansadas, então, eu vou cansar elas, vou passar três coreografias e vou mandar... Então, na Olimpíada a gente já estava nesse esquema, a gente entrava na quadra já cansada para não ficar sentindo aquela ansiedade para chegar na hora e correr na série. Mesmo assim na série de [trecho inaudível] estava um pouquinho adiantada ainda, porque a gente fica com tanta adrenalina no corpo que a gente acelera, então, é isso: antes de entrar na quadra dá nervoso, a adrenalina sobe, a pressão é imensa, mas eu adorava isso, eu adorava sentir isso, eu adorava competir.

S.A. – E depois que termina a série, que tu saiu do...

N.E. – Nossa, é muito engraçado. Quando eu via a apresentação, eu sempre fazia isso. Acabava a série, as meninas iam recolher o aparelho com calça, levantar para dar tchau, eu já parava, já tinha virado para os dois lados, já estava querendo sair, era muito gostoso, tipo missão cumprida. Acabou, graças a Deus, eu fiz tudo, acertei, era mais ou menos isso.

N.E. – É, missão cumprida, exatamente.

S.A. – Natália, sobre a participação nos Jogos Olímpicos tem mais alguma coisa que tu gostaria de compartilhar?

N.E. – Não. Depois dos Jogos Olímpicos eu parei de treinar, eu abandonei.

S.A. – Total?

N.E. – Total! Fiquei acho que sete ou oito meses sem treinar, tipo, não quero mais, agora deu, chega, já fiz a minha parte, não aguento mais ginástica na minha vida. Eu realmente estava nessa fase, se não fosse a convocação eu teria saído antes. Como teve a convocação e era meu sonho eu vou continuar. Acabou a Olimpíada eu falei: “Eu não quero mais ver esse esporte na minha frente”. Foi muito, muito maçante.

S.A. – E qual foi a repercussão da participação dos Jogos Olímpicos na tua carreira?

N.E. – Ah, eu vejo isso até hoje. Apesar de fazer muito tempo, eu vejo que essa experiência que eu tive, ainda mais para a área que eu escolhi que é a Educação Física, ela tem um peso enorme para conseguir reconhecimento.

S.A. – E qual o significado que tu vê hoje da tua participação nos Jogos no Rio Grande do Sul, aqui? Qual a repercussão que isso se deu dentro do Rio Grande do Sul, dentro aqui em prol...

N.E. – Eu acho que aqui em Santa Cruz eu vejo muito reconhecimento do pessoal, tanto que quando eu cursei a universidade aqui a UNISC<sup>10</sup> foi uma coisa que pesou muito, porque apresentei o projeto de ginástica para eles e eles: “Nossa, que bacana Natália, você já tem um nome, você construiu com a Olimpíada e tal, que bacana, se tu montar um projeto a gente consegue envolver a comunidade nessa modalidade, que agora já apresentou e tal, não sei o que”... E aí eu até consegui uma bolsa em troca do projeto, então, eu vejo até hoje, eu colho os frutos dessa minha participação e eu vejo que o pessoal reconhece, dá valor aqui em Santa Cruz, principalmente porque foi o pessoal que acompanhou mesmo.

D.R. – E tu ainda tem uma relação com o Rafael, como é que é?

N.E. – Sim, tenho. Esses tempos ele estava em Buenos Aires, e ele mandou uma mensagem - era três da manhã - falando que ele estava em um teatro chamado Piazzolla e que ele estava escutando uma música que ele fez a primeira coreografia para mim, que foi no primeiro campeonato nacional que eu participei, e que ele chorava de emoção lembrando da gente competindo... E eu: “aham”... Três da manhã, meu Deus, que legal, que bacana. E a gente, no final do ano se reuniu aqui em casa, a gente tenta assim manter mas como eu estou morando em São Paulo fica um pouco mais difícil, mas pelo facebook, ou quando eu venho para cá a gente dá um jeito.

S.A. – E quando tu decidiu, então, tu largou a ginástica e...

N.E. – Larguei, engordei quase quinze quilos, comi tudo que eu podia e que não podia. Daí a minha técnica da seleção me ligou, acho que era fevereiro ou março e disse: “Natália, por favor volta que a gente está precisando de ti aqui, não sei o quê”. Daí eu... Agora já descansei, já engordei... Tá bom, vou voltar. E eu voltei para a seleção.

S.A. – Voltou?

N.E. – Daí eu voltei e parei no final de 2003, com lesão na coluna.

S.A. – Lesão?

N.E. – Sim.

S.A. – Que nem a Adrian Gomes, a gente entrevistou ela também. Ela também teve que sair por uma lesão na coluna três dias antes da competição.

N.E. – É, infelizmente assim. Eu comecei sentindo muita dor na coluna e aí eu fui para o Campeonato Mundial. Voltei e comentei com o meu pai. E ele: “Você vai vir para cá e

---

<sup>10</sup> Universidade de Santa Cruz do Sul.

você vai fazer exame, você não pode ficar treinando assim”. Eu vim para o sul, fiz exame e viram que eu estava com uma fratura por estresse. O médico falou: “Você tem que ficar parada por seis meses, não sei o quê, não sei o quê”. E na época meu técnico falou: “Você pode ficar parada, mas tem oito meninas lá treinando no seu lugar, você vai perder a vaga”. Daí eu: “Ah, vou continuar treinando, não quero perder a minha vaga, lutei tanto por isso e agora vou”. E aí eu continuei treinando e isso desencadeou vários outros problemas, hoje inclusive três médicos me acompanham porque eu vou ter que operar a coluna, porque não tem mais jeito assim, por causa da ginástica, eu consegui destruir a minha coluna.

S.A. – E como é que é lidar com a dor?

N.E. – Ah, é brabo. Eu estou acostumada porque eu tive essa lesão em 2002 e, bom, fazem doze anos. Só que ultimamente está cada vez pior, as crises vem e aí só com morfina para aliviar, senão eu não saio da cama. Então, é uma coisa que... Hoje tu me pergunta se valeu a pena e eu digo que sim. Eu não sei se eu vou falar isso mais para frente mas hoje eu ainda falo que esporte de alto rendimento é isso. Se enganam as pessoas que falam que esporte é saúde, se for de alto rendimento eu discordo plenamente. Eu não conheço nenhum atleta de alto rendimento que não tenha se machucado, que não tenha coisa séria mesmo, para operar, é isso, mas eu [trecho inaudível] com a dor assim, porque eu sempre tive dor, então, paciência. Tem gente que nunca fez nada e sente dor e tem problema também, então, eu não me preocupo muito com isso. Se tiver que operar eu opero, se não, não! E é isso aí, se tiver que tomar morfina eu tomo, se não, não! E aí vai, continua a vida.

D.R. – Tu chegaste ao topo do alto rendimento muito nova. Como é que foi conciliar escola com esporte?

N.E. – É, enquanto eu estava aqui em Santa Cruz foi tranquilo porque eu estudava de manhã e treinava à tarde, então, dava para conciliar tranquilamente. Quando eu fui para Londrina, para a seleção foi mais complicado porque eu treinava de manhã e a tarde, então, eu tive que estudar a noite. E aí o rendimento escolar caiu horrores porque eu tinha... Chegava na aula caindo aos pedaços, eu não aguentava, tinha aulas que eu dormia, então, ficou mais difícil depois que eu fui para lá. Resumindo, eu acho que não foi uma coisa que me prejudicou na escola, porque apesar de diminuir meu rendimento, não diminuiu a

aprendizagem. Eu aprendi tudo que uma pessoa normal aprende indo para a escola tanto que para mim foi uma das outras vitórias importantes foi ter entrado na USP, porque eu achava que não era capaz, porque como o meu rendimento tinha caído na escola, eu pensei: “Nossa, eu nunca vou passar na USP, não”. Mas tentei, fiz a prova e passei. Daí eu: “Ai meu Deus do céu, não acredito, agora eu vou ser uma profissional excelente na minha área porque eu vou ter o melhor currículo que eu poderia ter. E vou ter uma experiência que poucas pessoas tem, que é a Olimpíada”. Então, em relação ao rendimento caiu na época que eu treinava, de manhã e de tarde, mas é uma coisa que não chegou a me prejudicar.

D.R. – Mas tu começou a fazer a UNISC antes de ir para USP, porque tu falou que...

N.E. – Eu me formei na UNISC em Licenciatura em educação Física e ai agora, lá na USP, eu estou fazendo o Bacharelado.

D.R. – Ah, e tu está fazendo?

N.E. – Estou. É porque como lá a Escola de Educação Física é integral, a carga horária é muito maior. Eu apresentei o meu currículo da UNISC lá e eles não deram equivalência, tipo, Fisiologia aqui é sessenta horas, lá eu tenho duzentas horas de Fisiologia. E não tem nem como eles equivalerem, é completamente diferente então estou fazendo outra faculdade.

S.A. – E pretende depois em algum momento voltar para a ginástica, seja como treinadora, técnica?

N.E. – Não aqui no Brasil. Com essa lesão na coluna eu tive muito contato com a área de reabilitação, principalmente com pessoas com dor crônica e foi uma área que me encantou assim, pessoalmente por causa das pessoas que tem dor. Quando você desenvolve um trabalho assim, a gratidão, a dedicação que elas tem, e isso me encantou mais do que o ser técnica, que eu desenvolvi isso por quatro anos no projeto aqui, eu acho bacana, mas eu gostei mais dessa área de reabilitação e dor. E agora eu não tenho interesse de voltar não, fiz uma pós-graduação em Treinamento Desportivo, acho bacana essa área, mas por enquanto eu não me vejo trabalhando nisso não.



S.A. – E pensando nos objetivos da nossa pesquisa que é analisar a participação gaúcha nos Jogos Olímpicos, tem alguma coisa que você gostaria de falar sobre o tema?

N.E. – Ah, não sei, eu acho que eu era a única gaúcha dessa seleção que participou de Sydney e eu acho que foi uma participação importante porque das seis meninas que foram, quatro faziam as duas séries, duas faziam só uma... Eram cinco meninas que apresentavam a coreografia e então quatro meninas eram titular das duas e as outras duas meninas revezavam e eu fazia as duas séries, então, eu acho que foi uma participação importante. A Daiane dos Santos foi nessa Olimpíada, mas acho que ela não competiu.

S.A. – De Sydney?

N.E. – É, ela foi, estava lá, mas colocaram a Daniele e a Camila Comin para competir, mas eu lembro dela lá. Que eu achei injusto inclusive porque era para ela estar competindo, não a Camila Comin, que é do Paraná.

D.R. – Tem uma rixa entre as atletas do Paraná e daqui. Por quê?

N.E. – Olha, sinceramente acho que tinha na época, acho que teve sempre, porque sempre eram as meninas do Paraná e Rio Grande do Sul brigando por pódio. Na minha época também não era diferente, eram mais meninas do Rio Grande do Sul... Quando eu competia, tinha uma menina do Paraná que incomodou, naquele caso de ser competitiva também, mas na minha época era eu e outra menina da Sogipa. Por exemplo, no caso da Daiane e da Camila, eu sou leiga porque eu não faço a mesma modalidade, mas o que eu via de fora era que a Camila Comin treinava no Centro de Treinamento onde a presidente da Confederação na época, comandava o treinamento lá e a Camila Comin era ginasta dela digamos. Se ela escolher para ir para uma Olimpíada a sua ginasta ou uma ginasta do Rio Grande do Sul aqui? Você vai puxar para o seu, o que eu vi foi isso, porque eu achei injusto a Daiane não ter ido nessa Olimpíada.

D.R. – E tu tem algum contato ainda com as outras meninas que competiam contigo? Como é que era a relação de vocês?

N.E. – Era ótima. Eu tenho... Inclusive quando elas vão para São Paulo a gente combina de fazer... A gente tem essa relação, a gente conversa, agora, também tudo é mais fácil, a gente tem grupo das meninas no Whats App, então, tem uma relação que perpetua e sempre nos demos muito bem, nunca houve briga nem nada disso.

S.A. – Como é, assim, digamos vocês estão lá em Londrina treinando junto, ai digamos, tem oito meninas, mas tu sabe que não vão ser essas oito que vão para as Olimpíadas. Como é lidar com isso? Tu está vivendo vinte e quatro horas com essas meninas, que de certa forma tu desenvolve uma amizade mas que tu sabe que algum momento, uma pode ir e outra não. Como é que se dava essa relação?

N.E. – Eu via que, por exemplo, as meninas que a minha técnica tinha mais dúvidas, apesar delas saberem.. Aé está entre eu e ela, tipo, a gente mora na mesma casa, a gente come juntas, a gente treina juntas, a gente passa o dia inteiro juntas, por mais que tivesse esse conhecimento, não tinha esse negócio de... Não tinha. Quando eu fui convocada para a seleção de conjunto, a minha técnica ligou, porque minha mãe falou: “Tem como a Natália ir um pouquinho depois?” Porque os treinos iam começar dia 4 de janeiro e a seletiva foi até o dia 22 de dezembro, então, eu voltei para casa para passar o Natal e a minha mãe “Pode ser dia 10, deixa ela ficar um pouquinhos mais”. E a minha mãe também... Eu tinha recém feito quatorze anos, eu estava bem novinha, a minha mãe queria aproveitar mais tempo comigo e a minha técnica já falou: “Olha, eu até queria, mas a Natália vai ser titular das duas séries, ela precisa estar aqui antes, ela precisa treinar, eu confio nela, eu quero ela”! Então, naquele ano pelo menos, eu não tive esse problema de ter alguém treinando no meu lugar. Ela nunca tinha botado ninguém para treinar no lugar mas tinham outras meninas que tinham. Então, eu nunca tive esse sentimento de: “Ah, fulana está me ameaçando” e tal, mas tinham meninas que tinham, mas eu não via brigas, nem discussão, nem falar mal, nada disso. Era uma coisa que nenhuma delas tinha culpa, não existe isso, tu sabia que era a técnica que decidia.

S.A. – Em relação ao financeiro em relação à ginástica, tu ganhava salário quando tu participou, que ...

N.E. – Representar a escola não. Teve uma ajuda por um tempo do projeto do estado, que eu ganhava cem reais por mês e depois que mudou o governo parou também. Quando eu fui convocada para a seleção, de conjunto, a minha técnica me dava do bolso dela cem reais por mês, não tinha ajuda do COB<sup>11</sup>, não tinha ajuda do governo do Rio Grande do Sul, não tinha nada, era a minha técnica que me dava cem reais por mês para ajudar e era isso. No outro ano sim, o COB começou a dar uma bolsa e eu também ganhei uma bolsa do COI<sup>12</sup>, por ser atleta olímpica. Eles começaram a passar uma verba, eu não sei exatamente o que aconteceu com essa verba, porque eu acho que eram quinhentos dólares por mês. Nunca vi quinhentos dólares por mês, boa parte desse dinheiro sumiu, minha técnica entrou inclusive com um processo... A presidente na época, porque não se sabe, não tinha recibo, onde é que estão os recibos, ninguém sabia... Não sei como é, que fim que deu isso, mas nunca foi uma remuneração boa na ginástica, não como é hoje. Hoje eu vejo o Bolsa Atleta<sup>13</sup>, o atleta já é federado, ganha uma dinherama... Uma dinherama não, ganha uma bolsa auxílio, Graças a Deus porque merece. Na minha época não tinha nada disso, era patrocínio mesmo. Teve competição, em Houston, nos Estados Unidos, que eu participei em um Pan-americano, meu pai teve que pagar o agasalho da seleção, foi brabo, um agasalho sessenta reais. É brabo mas meus pais que pagavam a maioria das coisas quando eu não conseguia patrocínio. Meu dindo me patrocinou uma época, o primeiro campeonato que eu participei nacional, ele que me ajudou, que ele tinha uma fábrica de brinquedos, a Xalingo que ele trabalhava nessa fábrica e conseguiu uma ajuda de custo. E teve uma época também que a Mercur conseguiu me ajudar, me pagou passagem para alguns campeonatos internacionais.

S.A. – Tudo vocês que tinham que correr atrás para conseguir?

N.E. – Sim, a minha mãe se descabelava para conseguir patrocínio e eu lembro que nesse campeonato Pan-americano a gente não tinha conseguido ajuda nenhuma. Meu pai pagou a passagem, pagou o agasalho, pagou tudo, porque a Confederação não pagava nada.

S.A. – Tem algo que a gente não perguntou que você gostaria de complementar ou deixar algum depoimento ou alguma coisa registrada?

---

<sup>11</sup> Comitê Olímpico Brasileiro.

<sup>12</sup> Comitê Olímpico Internacional.

N.E. – Não.

S.A. – Para essas meninas que estão vindo ai, quer deixar alguma mensagem?

N.E. – Ah, que dedicação, que vale a pena.

S.A. – Vale?

N.E. – Vale a pena.

S.A. – Natália, então em meu nome do Centro de Memória do Esporte eu gostaria de agradecer novamente a tua disponibilidade da entrevista e vamos mantendo contato.

N.E. – Está ok.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>13</sup> Programa do Governo Federal.